

OUTONO DE CARNE ESTRANHA

Gutemberg Armando Diniz Guerra¹

SOUZA, Airton. **Outono de Carne estranha**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2024.

Recebi o livro dando ciência ao autor pelo WhatsApp da entrega feita pelos Correios. Ele me lançou uma oração: “Tomara que esse livro te espante!”. “Já espantou! Li a primeira frase!” Respondi. Eu tinha de fato lido a primeira frase e fiquei impactado, fechei o livro e coloquei na fila dos pendentes para leitura. A fila tem a preferência dos autores que eu conheço, que se lançam nesse mundo de publicações e eu me sinto comprometido em acompanhar suas trajetórias. Confesso que fiquei mesmo surpreso com a linguagem direta, realista, objetiva e impactante do início do romance.

Não sei quantos dias depois peguei para ler o livro. Não consegui fazer de uma sentada por conta de outras pendências que tinha a me exigir urgência. Ao soltar o livro, ficava olhando para a capa cravejada de pepitas douradas em um fundo com tonalidades de cinza claro e escuro. Sim, Serra Pelada estava ali, do mesmo jeito que eu nunca tinha visto, porque mesmo morando três anos e indo várias vezes a Marabá, jamais ousei ir à mina de ouro mais famosa da região.

Não conheço pessoalmente o autor, embora ele esteja muito presente na mesma cidade em que moro e tem origem em Marabá, onde vivi e sobrevivi durante três anos e meio no final dos anos 80 e início de 90 do século passado. Escrevo sobre vida e sobrevivência porque não só a cidade, mas todo o ambiente de conflito naquela região torna vulnerável qualquer pessoa que passe por ali por pouco ou muito tempo. A convivência tensa envolve camponeses e garimpeiros, empregados e empresários rurais e urbanos, policiais militares, pelotões das forças armadas, gente humilde e trabalhadora, mas também gente incluída ou excluída como *lumpen*, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, funcionários públicos de muitas instituições de níveis municipais, estaduais e federais, comerciantes e comerciantes. Ali se vive e se morre com mais intensidade do que em outros cantos do mundo. Esse cenário que o autor captura e elege para o seu romance é o seu lugar de vida e de fala.

A caminhada de Airton Souza como escritor já se faz longa, com muitas premiações e a inevitável contradição entre os que lhe aplaudem e os que lhe criticam e censuram. Ele se torna leitura obrigatória para quem quer conhecer o Brasil em profundas transformações, seja pela explicitação da gritante desigualdade e injustiças praticadas em uma das regiões mais ricas, senão a mais rica, de todas as regiões do país. De onde se extraem enormes riquezas, mantém-se uma enorme pobreza e miséria. Ali, qualquer um que passe sentirá o que é estar à flor da pele e do que se trata quando se fala de violência e desigualdade.

Airton Souza nasceu e cresceu em Marabá, circulou e conhece bem a região por tê-la palmilhado amiudadamente, mas ganhou o mundo pelas letras que escreve e pelas revelações que se faz desse local em que vive e encarna em suas poesias em verso e prosa, esparzidos em poemas, crônicas, contos e romances.

“Outono de Carne Estranha” incomoda, sim. Cumpre o papel da boa literatura. Instiga, provoca, revoluciona. São 17 capítulos distribuídos em 164 páginas de texto em uma edição caprichosa da Editora Record, já na 4ª edição que li e aqui resenho.

Na leitura, parcimoniosa, homeopática, fui fazendo meus estranhamentos e anotações de leitor conservador que sou, embora incorpore mudanças importantes nos diálogos com o

¹ Doutor em Socio Economia do Desenvolvimento pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França (1999) e Professor associado e aposentado pelo Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará. E-mail: gguerra@ufpa.br

que leio e escuto de e sobre os autores contemporâneos. Inicialmente andei brigando com os substantivos próprios iniciados com grafias sem maiúsculas, personagens atípicos, ou, pelo menos, pouco comuns na literatura que consumi até então. Homens sensíveis a amores e sexo em uma narrativa que, embora poética, beira ou se equilibra no perigoso fio da navalha entre erotismo e pornografia, demonstrando uma ousadia enorme do autor em se expor e eviscerar as hipocrisias do mundo que existe e funciona mais ou menos assim, ou assim mesmo, como ele narra: duro e endurecedor universo dos humanos.

Nas intensas conjunções sexuais homoafetivas, os amantes são tratados como machos, mesmo quando há gestos de feminização de um para o outro, seja pela atividade no coito ou nas carícias encrespadas, seja pelo tratamento codificado entre eles. Pensei que talvez o autor estivesse tentando romper com o padrão hétero a que os leitores estão habituados a ver e ler, embora a concepção de domínio e submissão se mantém na narrativa.

As personagens principais, que abrem a narrativa, são dois garimpeiros em um ato sexual de sodomia descrito com detalhes rudes, em um ambiente sórdido e precário dos acampamentos desse tipo de atividade. O clima de tensão é permanente pelo controle de uma moral hipócrita, exercido por um cruel militar graduado e seus capangas armados de revólveres de calibre 38.

Originários do Maranhão e do Piauí, as personagens vão sendo exibidas com suas contradições, o amor e a distância das famílias, como dor encravada, uma esperança de voltar bamburrados. Os poucos recursos adquiridos em uma ou outra semana nos barrancos, entretanto, são gastos nos bordéis de Marabá e região. Airton Souza descreve com tamanho detalhe os cinco sentidos, cada gesto e a paisagem, que o leitor precisa ter muito autocontrole para conter o incômodo que a leitura provoca.

Outra personagem importante é um padre que se desencanta de sua missão, abandona, literalmente, a batina e envereda pelo barranco da mina, subindo as escadarias de terra e caibros, chamadas de adeus-mamãe. Misturando-se aos fiéis no trabalho e nas farras nos cabarés, o religioso vai se questionando seu deus e sua fé derretida, diluída, consumida com o barro apurado nas bateias em busca do precioso metal. O padre deixa, simbolicamente, a batina estendida na soleira da porta da capela erigida no garimpo e passa a ter uma vida de homem comum, promíscuo, confuso, experimentando tudo o que rejeitara em sua vida desde o seminário. Sua missão é redefinida e pautada não mais nas sagradas escrituras, mas no conhecimento experimental que passa a construir a duríssimas penas. O caráter herético impregna toda a obra, mas se ressalta particularmente nessa personagem e suas angústias.

Todos os sentidos são explorados em detalhes. O tato revela a textura das carnes e peles redefinidas pela poeira dos barrancos. O gosto preso na língua e nas relações libidinosas com as partes íntimas das prostitutas. O cheiro de perfumes baratos dos homens e mulheres e de urina nos corredores dos cabarés. A visão embotada e confusa da paisagem modificada nas escavações para encher sacos de barro (melechete) e para reconhecer cenas de violência e recolhimento nos barracos miseráveis. A audição agredida pelos gritos dos bate-paus e pelos estrondos dos deslizamentos de terra, das portas sendo batidas para se achar e torturar transgressores das regras do militar comandante do garimpo e da vida das pessoas. A crueldade deste militar que controla o garimpo se manifesta de forma onipotente, resumida em uma expressão parafraseada de um monarca absolutista: “Eu sou a pátria!” O intertexto vem sempre por contraditórios, contestando os cânones, sejam lá quais forem eles, de orações ao divino, ou de contestação ao marechal.

O livro todo é de uma expressão cujo realismo, a meu ver, inaugura um tempo revolucionário do ponto de vista dos costumes. O homossexualismo masculino é posto em relevo, mas pode ser enquadrado na ampla sigla LGBTQIA+. A prostituição e a sodomia se explicitam com todas as letras, ainda que em alguns momentos se revistam de um certo romantismo.

O mais chocante, porém, em toda a narrativa, são as condições de trabalho e de vida de homens e mulheres naquela fronteira aberta em pleno coração da Amazônia, em situações suportadas por causa de um sonho de riqueza mascarado de possibilidades que se esgotam como sopros de rajadas tempestuosas e virulentas. Desbarrancamentos, castigos medievais e tratamentos escravocratas são descritos em um tempo em que não deveriam mais sequer ser aventados. Mas são...

E de onde vêm esses homens e mulheres em busca de riqueza da terra brotada em forma de pepitas ou pó de ouro? São camponeses empobrecidos do Nordeste, filhos ou pais de proles numerosas, atiçados pelas notícias de minas generosas e de histórias fantásticas de bamburro e enriquecimento.

O cotidiano no garimpo é muito mais triste do que a expectativa de sucesso. As mortes ocorrem por doenças contagiosas, contaminações, desabamentos, disputas violentas com origens em bebedeiras e relações conflituosas no ambiente promíscuo de cabarés e favelas, corrutelas ou povoados com estrutura precária e relações de exploração exacerbadas.

Embora o livro tenha sido mais badalado, criticado e censurado pela abordagem homoafetiva, há muitos outros aspectos humanos que devem ser ressaltados, refletidos e apreendidos porque são tão importantes quanto uma das formas de exercício da sexualidade. Há que se criticar e indignar com os maus tratos praticados contra os subalternos, as crianças, a militância religiosa alienada, o sadismo, a carência de educação, as agressões à saúde e aos corpos levados à exaustão pela exploração do trabalho.

“Outono de carne estranha” é sobre um cenário de uma região onde não há outonos, mas um ambiente e pessoas que se degradam em busca de sonhos. Quem tiver estômago, olhos e pulmões para ler, que se prepare para uma literatura que faz provocações intensas de conteúdos e de mergulhos profundos na (in)compreensão da natureza humana. Respirem fundo e deem esse salto na cava de Serra Pelada e de si mesmo! Depois vamos conversar sobre tudo o que brotar desse chão que nos oferece Airton Souza!